

O ARQUITETO E O PROCESSO PROJETUAL: UMA ABORDAGEM SOBRE LOUIS I. KAHN

Jennifer Stephanie Ferreira Cabral de Oliveira (IC) Maria Teresa de Stockler e Breia (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivos identificar os principais conceitos presentes na teoria do arquiteto Louis I. Kahn acerca do processo de projeto e compreender quais são as principais mudanças decorrentes desta abordagem em relação ao Estilo Internacional, corrente contemporânea à sua época; assim como estudar sua metodologia de trabalho levando em consideração suas análises sobre os principais aspectos e elementos do programa dos edifícios. Teve-se por objetivo final identificar quais foram suas contribuições tanto para a Arquitetura Moderna quanto para o período Pós-Moderno. Foi adotado o método bibliográfico dissertativo-argumentativo e concluiu-se que o trabalho de Kahn se difere daquele proposto pelo Estilo Internacional na busca do arquiteto pelo desejo de monumentalidade e de não oposição à linguagem compositiva do sistema *Beaux-Arts*, assim como da consideração de unidade entre espaço e estrutura. Ressalta-se também a importância dada pelo arquiteto às questões cívicas e suas implicações na materialização do objeto arquitetônico, estabelecendo assim uma linguagem de trabalho em que o sentido da construção e de uso do edifício tornam-se um ato único, expresso através das ideias de Ordem e Design. A compreensão do que Kahn intitulou como *desejo de existência* seria a verdadeira motivação da concepção arquitetônica, e a expressão atribuída ao edifício confere a cada uma de suas obras o caráter de monumentalidade.

PALAVRAS-CHAVE: ARQUITETURA MODERNA, PROCESSO PROJETUAL, LOUIS I. KAHN.

ABSTRACT

This research has as objectives to identify the main concepts present in the theory of the architect Louis I. Kahn about the design process and to understand the main changes resulting from this approach in relation to the International Style, current contemporary to its time and also to study its methodology of work taking into account their analyzes on the main aspects and elements of the building program. The final objective was to identify what his contributions were to both Modern Architecture and the Postmodern period. The argumentative method was adopted and it was concluded that Kahn's work differs from that proposed by the International Style in the architect's search for the desire for monumentality and non-opposition to the compositional language of the *Beaux-Arts* system as well as the consideration of unity between space and structure. The importance given by the architect to

civic issues and their implications in the materialization of the architectural object is also emphasized, thus establishing a working language in which the meaning of the construction and use of the building becomes a unique act, expressed through the ideas of Order and Design. Understanding what Kahn called a desire for existence would be the true motivation of architectural conception, and the expression attributed to the building confers on each of his works the mark of monumentality.

KEYWORDS: MODERN ARCHITECTURE, DESIGN PROCESS, LOUIS I. KAHN.

1. INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo, com a velocidade de troca de informações através dos mais diversos meios de comunicação parece estar cada dia menos vinculado com o passado histórico. Pode-se afirmar que as mudanças ocorridas hoje possibilitaram conexões interpessoais e um aumento na qualidade de vida que não seria possível sem o desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias. No entanto, a cultura de massas e o fluxo de conteúdo midiático de nosso tempo têm sido questionadas pela ausência de significados e, não diferentemente, ocorreria na arquitetura.

Na atualidade constrói-se em grande demanda e, como consequência do desenvolvimento de sistemas e tecnologias construtivas, com melhor qualidade material do que a grande maioria dos edifícios de outras épocas. Talvez a grande velocidade do tempo de execução de grandes obras e a possibilidade de aquisição de meios com maior facilidade tenham sido algumas das causas que levaram à ausência do sentido de permanência na arquitetura. Construir para a eternidade parecia ser uma das grandes preocupações dos arquitetos de tempos mais remotos, que em diversos períodos históricos, foram capazes de conceber verdadeiras obras primas da arquitetura: a união exata entre a técnica e a arte.

Um dos nomes mais representativos da ideia de continuidade histórica na arquitetura é Louis I. Kahn. Reconhecidamente um dos principais arquitetos do século XX, tanto por sua influência enquanto arquiteto atuante, quanto por seu trabalho teórico — tendo lecionado em instituições como a Pennsylvania University e a Rice School University — Kahn influenciou gerações que viriam a adotar uma postura diferente daquela proposta pelo Estilo Internacional. Contrariando a padronização de uso de materiais, processos construtivos, uso predominante do volume regular e ausência de ornamentos, propõe-se uma retomada pelo uso dos materiais locais, do contextualismo arquitetônico e da consideração da herança histórico-popular.

O objetivo geral deste trabalho foi estudar o trabalho teórico de Louis I. Kahn, expresso nos textos “Address to naturalized citizens (1971)”, “Law and rule in architecture (1961, 1962)”, “Monumentality (1944)”, “Space and the inspirations (1967)” e “The nature of the nature (1961)”, assim como os livros *Conversa com estudantes* e *Forma e Design* para verificar como seu pensamento se diferenciava em relação à corrente do Estilo Internacional. Assim, foi proposta como problema de pesquisa a seguinte questão: quais foram os métodos de abordagem do arquiteto Louis I. Kahn em relação ao programa do edifício e quais as mudanças decorrentes desta abordagem em relação ao Estilo Internacional?

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas, como segue: pesquisa bibliográfica dissertativo-argumentativa, onde foram lidos, elaborados e sistematizados os fichamentos dos textos anteriormente citados; posteriormente, articulados os principais conceitos e ideias, passando-se à etapa comparativa entre as diretrizes do pensamento de Louis I. Kahn e as ideias propostas pelos principais representantes do Estilo Internacional. Finalmente, elaborou-se um texto final, acompanhado de ilustrações elucidativas e seus resultados.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Após o período da Grande Depressão da década de 1930, a retomada do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos — impulsionado pelas políticas do *New Deal*, tornou possível o crescimento da demanda por edifícios institucionais e obras de infraestrutura urbana. O controle de preços e da produção agrícola, além do investimento maciço na construção de obras de grande porte como aeroportos, barragens, hospitais e escolas foram algumas das formas encontradas pelo governo de Franklin Roosevelt para estimular o consumo e criar novos postos de trabalho. Além disto, o surgimento da produção em série baseada no modelo fordista em 1913 possibilitou a economia de recursos e aumento da produtividade no setor automobilístico.

Como reflexo de uma era tecnocrática baseada na crença dos valores positivistas, a arquitetura moderna do Estilo Internacional tornou-se adequada às intenções de controle, sistematização, desenvolvimento em série e pré-fabricação desejadas pelo modelo de economia capitalista adotado (HOPE, 1950 apud FRAMPTON, 2015, p. 292). É importante ressaltar que, apesar de eventos como a exposição *The International Style: Architecture from 1922*, realizada em 1933 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA/NY) e das primeiras edições do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) haverem buscado apresentar a existência de uma arquitetura moderna unitarista, já se faziam presentes as vanguardas ao longo do território europeu e da antiga União Soviética, como a Bauhaus e a Escola de Vkhutemas, além da continuidade do sistema *Beaux-Arts* como tradição acontecendo paralelamente a esses fatos (MONTANER, 2013, p. 287).

Na tentativa de estabelecer um método racional e de caráter científico na arquitetura, os arquitetos do Estilo Internacional acabaram por falhar ao perder a conexão entre projeto e realidade. O Modulor, de Le Corbusier, não foi capaz de representar todas as demandas necessárias do homem comum, já que o mesmo não possui a natureza funcional necessária para se adaptar à *máquina de morar* da arquitetura moderna racionalista. O descompasso entre as demandas da sociedade e o estabelecimento de parâmetros aparentemente inflexíveis da forma-função desta vertente culminou décadas mais tarde na crise que levou ao esgotamento do sistema e a passagem da situação moderna para o período pós-moderno após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A impreterível necessidade de preservação dos valores em continuidade com o passado histórico era patente, e já nos últimos encontros do CIAM começou a ser discutida a relevância de questões como a relação existente entre arquitetura e artes plásticas, assim como a recuperação da identidade cultural e de valores humanos perdidos pelas restrições adotadas por esta fase do Movimento Moderno. Em sua última edição, com o tema *Habitat*

Humano, o CIAM de 1956 trouxe discussões como a inviabilidade de doutrinação do modo de vida urbano e a mudança para a tentativa de propor uma “utopia do possível,” como definiu Montaner (2013, p. 30). Seria então o fim da adoção dos valores ortodoxos da Carta de Atenas para a passagem de uma abordagem do homem comum e suas pluralidades. O Team X,¹ já enumerando as questões de arquitetura e urbanismo de forma mais empírica e de objetivos menos categóricos do que nas primeiras edições dos CIAM, trouxe como pauta a primordialidade de se considerar a continuidade histórico-cultural de cada lugar e, como apontou Montaner (2013, p. 32-33), “olhar para os arquétipos do passado para recuperar a dimensão humana, cultural e simbólica das formas arquitetônicas.”

Nestas circunstâncias históricas, uma das grandes questões abordadas entre os anos 1950 e 1960 foi a volta às origens da arquitetura na busca pela resposta à perda de contextualidade do Estilo Internacional. Princípios de monumentalidade do Estilo *Beaux-Arts* foram então utilizados em edifícios de caráter institucional, religioso e comercial; porém, grande parte destes exemplos se apresentou como simples cópias do estilo, adotando-se superficialmente a utilização de eixos monumentais, simetrias e outros elementos característicos da arquitetura clássica. As qualidades da Tríade Vitruviana — *utilitas*, *firmitas* e *venustas* — não foram verdadeiramente assimiladas em grande parte das obras do período (FRAMPTON, 2015, p. 5). Segundo Curtis (2008, p. 517), “alusões ao classicismo abundavam; já os princípios clássicos, eram praticamente inexistentes.”

Não foram raros os exemplos de arquitetos de formação *Beaux-Arts* no período pós Segunda Guerra, já que como anteriormente mencionado, o sistema permaneceu como tradição dentro do sistema de ensino de arquitetura no país. Porém, a figura que mais se destacou enquanto arquiteto capaz de sistematizar as ideias de revisão dos arquétipos históricos foi Louis I. Kahn. Graduado pela Universidade da Pensilvânia (1920-1924), e apesar de todo aprendizado baseado no rigor deste sistema (MAZZOLA, 2007, p. 4), produziu seus primeiros edifícios — desenvolvidos em parceria com arquitetos como Paul Crét — enquanto simples continuidades do Estilo Internacional. Apenas anos mais tarde é que o senso de composição oriundo de sua formação passou a se manifestar de forma mais evidente, contribuindo significativamente para toda sua produção arquitetônica. Kahn,

¹ O Team X foi um grupo composto por arquitetos das mais diversas nacionalidades que buscavam discutir os novos rumos da Arquitetura Moderna, levando em consideração o cenário político-social pós Segunda Guerra Mundial. Este grupo tinha como suporte a continuidade da pauta geral proposta pelas edições do CIAM ocorridos entre 1928 e 1933, que traziam como questões elencadas a relação entre a arquitetura e o planejamento urbano, defendendo que ambos deveriam estar voltados para as questões econômicas e sociais. Porém, ao propor grandes planos urbanos e unidades habitacionais “universais” e seres humanos ideais — neste caso, o Modulor de Le Corbusier — tais intenções se revelaram falhas, pois cada lugar possui características próprias, ou um *locus*, entendido como “a relação singular, mas universal, que existe entre certa situação local e as construções que se encontra naquele lugar,” tal como definiu Rossi (2001, p. 147) em *Arquitetura da Cidade*.

através da reformulação e reinterpretação de questões presentes tanto no estilo *Beaux-Arts* quanto na Arquitetura Moderna, tornou-se um dos arquitetos fundamentais para a transição entre o Movimento Moderno para a situação pós moderna — não somente nos Estados Unidos, como em todo cenário internacional a partir de uma abordagem manifestada já em sua primeira obra autoral: a Galeria de Arte da Universidade de Yale, em 1951 (MONTANER, 2013, p. 62).

No projeto para a Galeria de Arte da Universidade de Yale, Kahn passou a usar uma linguagem própria: elementos tetraédricos no teto foram designados para abrigar os traçados técnicos; a inserção do volume da escada demarcou as circulações e permanências e o uso de materiais em seu estado mais rústico, como o concreto armado aparente, trouxe uma plástica que diferenciou o edifício dos demais produzidos por arquitetos representantes do Estilo Internacional, como Mies van der Rohe. Durante sua participação no Team X, Kahn colaborou com as discussões sobre a influência do contexto histórico em cada projeto, e dos diferentes períodos da arquitetura como suporte para a continuidade do desenvolvimento arquitetônico, em acordo com as propostas do grupo: uma atitude mais aberta em relação à herança histórica e à cultura popular.

Tais reflexões levaram Kahn a propor novas relações entre passado e presente; sem desconsiderar a existência de uma carga histórica e de um lugar como suporte, mas indagando qual a essência do edifício e seu *desejo de existência*. Para ele, o projeto arquitetônico dividia-se basicamente em três estágios: o inicial, definidor da ideia, onde a forma expressaria sua vontade de existir frente aos primeiros dados do programa e do lugar; a ordem, que correspondia aos critérios de composição baseados no rigor geométrico; e o desenho, etapa definidora dos espaços e de seu caráter construtivo (MONTANER, 2013, p. 63). Desta forma, Kahn articulou questões já presentes na arquitetura e criou uma nova abordagem do processo projetual; sem abandonar a carga histórica e o simbolismo do sistema clássico arquitetônico e nem as diretrizes da arquitetura moderna; e sim reestruturando-as e gerando uma nova metodologia capaz de trazer novos significados à arquitetura de seu tempo.

Natureza, Ordem e Design ou Arquitetura: o mensurável e o imensurável

A ordem de construir muros revelou
uma ordem de construir muros com aberturas.
Assim surgiu a coluna,
como uma ordem maquinal
de construir aquilo que se abre
e aquilo que não se abre.

Um ritmo de aberturas foi determinado pelo próprio muro,
que então deixou de ser um muro,
e passou a ser uma sequência de colunas e vãos.
Essas realizações não são encontradas na natureza.
Elas surgem da misteriosa faculdade
que o homem tem de expressar as maravilhas da alma
que requerem ser expressas. (KAHN, 2002, p. 19-20).

Para compreender a abordagem arquitetônica de Louis I. Kahn se faz necessária a definição de dois conceitos estruturadores de sua produção teórica, sendo estes a Ordem e o Design.

A Ordem para Kahn foi compreendida enquanto estágio inicial do processo arquitetônico, onde o arquiteto buscaria entender qual o caráter de determinado tema de interesse cívico, tal qual a religião, o ensino, os espaços públicos, etc. Kahn denominou tais temas como Instituições Humanas, dada sua recorrência nas mais diversas sociedades. A Ordem estaria diretamente ligada ao questionamento inicial que levou ao estabelecimento desta Instituição e ao desejo de materializar as necessidades presentes na mesma.²

A abordagem de Kahn se deu acerca das características que distinguiam um determinado tema de outro, pois através destas diferenças estruturais o arquiteto poderia então intervir no chamado *programa de necessidades* a fim de dar um sentido geral ou, em outras palavras, um partido arquitetônico coerente para determinado edifício. A ideia de natureza também foi definida por Kahn pelo que chamou de *maravilhamento*, ou o sentido inicial de determinada ação frente ao mundo pelo desejo de expressão. Para Kahn, era fundamental a recuperação da questão inicial que levou o homem a conceber determinada Instituição Humana.

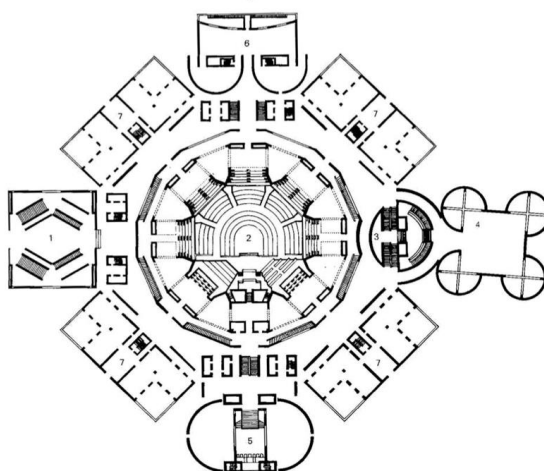
Já o Design seria a materialização da ideia da forma pelo edifício: é a expressão individual do arquiteto através da composição harmônica dos sistemas arquitetônicos, diretamente influenciada pelas circunstâncias econômico-sociais e contexto geográfico. Portanto, Ordem e Design foram, para Kahn (2010, p. 8), dois conceitos interdependentes de sua obra, pois seria através do Design que a Ordem poderia ser expressa de forma coerente. Ordem seria um conceito imutável, que representaria determinado consenso geral, a partir do qual surgiu determinada instituição; e Design seria um conceito mutável, já que

² Nota-se que o conceito de Ordem se assemelha aos arquétipos, ou “resíduos arcaicos” constituintes da psique humana identificados por Sigmund Freud. De acordo com Carl Gustav Jung, os arquétipos não possuem um significado específico, mas sim a tendência a provocar determinadas emoções devido a sua constante repetição durante várias gerações, assim como as imagens arquitetônicas (PALLASMAA, 2013, p. 58).

refletiria questões de caráter material. Para Kahn, o Design deveria expressar a intenção presente na Ordem, materializando assim sua ideia de que “no espaço há o espírito e a vontade de ser de uma certa maneira” (KAHN, 1970 apud GURGIOLA e MEHTA, 1994, p. 10).

A partir destas duas ideias centrais, Kahn utilizou os métodos compositivos da linguagem acadêmica para propor um espaço arquitetônico global. A presença de eixos principais e secundários, repetição de formas geométricas e da justaposição, intersecção, inscrição e inversões de fundo-figura constituíram-se como base para sua reinterpretação dos valores clássicos da arquitetura e da evolução da ideia primeira da natureza do programa, como observado no projeto para a Assembleia Nacional de Daca, Bangladesh. Nota-se a continuidade evolutiva da ideia inicial — a Ordem — através da composição geométrica. A concepção do belo por São Tomás de Aquino, explicitada por Kahn (apud GURGIOLA e MEHTA, 1994, p. 155) de que a beleza arquitetônica dependeria de quatro condições: integridade (*integritas*), totalidade (*perfectio*), simetria (*proportio*) e fulgor (*claritas*), ajuda a compreender o senso de composição presente em seu trabalho. A integridade representa a ideia de que o objeto arquitetônico deverá ser completo, não dependendo de nenhum artifício para estabelecer sua permanência; a totalidade se refere à interdependência de cada particularidade da obra, onde seria impossível suprimir uma parte sem destruir o todo; já a simetria é a correspondência entre as partes estruturadoras e, por último, o fulgor é o que distingue determinado objeto do outro — é a integração de partes comuns a outros objetos visando determinada intenção que o torna diferente dos demais.

Imagem 1: Planta da Assembleia Nacional de Bangladesh, Daca. A composição simétrica a partir de elementos geométricos é um recurso frequente em grande parte das obras arquitetônicas de Kahn.



Através da verdadeira compreensão dos conceitos de Natureza, Ordem e Design, a arquitetura poderia alcançar os dois estágios possíveis de sua teoria: o mensurável e o imensurável. A Ordem imensurável da arquitetura estaria presente na própria obra, através da representação materializada — portanto, mensurável — das aspirações e desejos de determinada sociedade. Kahn evidenciou em seus escritos a intenção de conceber uma arquitetura capaz de expressar os desejos presentes na natureza humana que, se materializados de forma correta, poderiam fazer da cidade um espaço verdadeiramente representativo destas aspirações (KAHN in TWOMBLY, 2003, p. 121). Kahn relatou a intenção de imprimir em suas obras o contraste entre silêncio e luz: para ele, o silêncio refere-se ao questionamento e a necessidade de expressar determinado desejo onde natureza humana estaria presente; e a luz, o campo onde este desejo estaria materializado. A luz é também um dos temas mais frequentes de seu trabalho, tanto no campo teórico como na prática projetual. É notória a importância dada pelo arquiteto ao contraste entre luz natural e sombra nos edifícios, ressaltada pela composição geométrica dos espaços. Luz e sombra, em maior ou menor intensidade, foram os meios utilizados para trazer à tona a lógica construtiva do edifício e a percepção sensorial do espaço. Esta abordagem da qualidade construtiva, encontrada em arquitetos do racionalismo francês, como Viollet-le-Duc, ajuda a conceber espaços onde o aspecto tectônico se sobressai ao visual e reafirma o desejo daquilo que Kahn chamou de “verdade dos materiais” (MONTANER, 2013, p. 66).

A percepção de indissolubilidade entre estrutura e espaço, e de que cada lugar deveria refletir a essência de seu uso levou Kahn a categorizar os espaços entre espaços *servidores* e espaços *servidos*, o que o distanciou da ideia de planta livre do Estilo Internacional. Para o arquiteto, o espaço deveria revelar sua concepção através do próprio espaço, e não por uma estrutura geral posteriormente fragmentada ou indeterminada. Elevando a técnica construtiva à própria ideia de lugar, as obras de Kahn foram concebidas de forma que as possibilidades de luz revelam a estruturação da obra pelas partes compositivas do edifício.

Louis I. Kahn ressaltou a diferença entre o que chamou de *lugar de* e *lugar para*. Nesta discussão, o arquiteto acabou por apresentar e enfatizar a urgência por espaços de qualidade menos estritamente positivista e mais fenomenológica.³ Para ele, o *lugar de* seria

³ A fenomenologia pode ser entendida como o campo de estudo do “retorno às coisas” e do vínculo emocional e intelectual sobre o espaço. Norberg-Schulz (in NESBITT, 2006, p. 443-459), trata a fenomenologia como a capacidade de atribuir significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos. Entender os fenômenos em sua essência e a relação destes frente ao mundo é um dos objetivos deste campo da filosofia. Neste sentido, é possível afirmar a existência de uma visão fenomenológica na arquitetura de Kahn por sua tentativa de descoberta da essência estruturadora de determinada Instituição Humana.

a materialização de espaços baseada num método estritamente racionalista, pautado nas ideias do positivismo arquitetônico.⁴ Já o *lugar para* seria o espaço fenomenológico, de inspiração não funcional, gerado a partir da interpretação da ideia de Ordem anteriormente citada.

Imagem 2: Espaço interior da mesquita da Assembleia Nacional de Bangladesh, Dacca. O jogo de luzes e sombras combinado às texturas dos materiais como o tijolo, a madeira e o concreto ajudam a compor um espaço contrário à ideia de unitarismo do Estilo Internacional.



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/55/9d/51/559d51ffff13c1ccad30083fbd390440.jpg>

Deste modo, pode-se afirmar que o método arquitetônico de Kahn difere do funcionalismo por não se basear na concepção de espaços quantitativos oriundos de um programa de necessidades pré-estabelecido; e tampouco se aproxima da lógica adotada pelos arquitetos do Estilo Internacional. Kahn, em seu questionamento sobre os aspectos essenciais da arquitetura, buscou compreender valores sociais — ou arquétipos — que poderiam ser expressos pela materialização do objeto arquitetônico.

Eu percebi que as circunstâncias nunca podem ser revividas, que o que eu estava vendo era o que eu não podia ver agora. E percebi que um velho espelho etrusco fora do mar, no qual uma vez uma linda cabeça era refletida, ainda tinha, em toda sua crosta, a força para evocar a imagem

⁴ O positivismo foi uma corrente filosófica surgida na França do século XIX que teve Augusto Comte como seu principal idealizador. Fundamentada na crença no progresso do bem estar moral, intelectual e material, seus valores ajudaram na organização técnica da sociedade industrial. Afirma-se então que o positivismo arquitetônico é a concepção de espaços baseada nestes valores, onde a razão científica e a técnica são os únicos princípios abordados e valorizados na criação de espaços. A abordagem estritamente funcionalista e consequentemente distante da incerteza das leis naturais foi satirizada em filmes como *Mon Oncle* (1958) e *Playtime* (1967), ambos do diretor Jacques Tati.

daquela beleza. É o que o homem faz, o que ele escreve, sua pintura, sua música, que permanece indestrutível. As circunstâncias de sua criação são apenas o molde para a fundição. Isso me levou a perceber o que pode ser a tradição. Aconteça o que acontecer, no curso circunstancial da vida do homem, ele deixa como legado mais precioso um pó de ouro e, acreditem nisso, e não nas circunstâncias; então vocês estarão realmente em contato com o espírito da tradição. Talvez então se possa dizer que a tradição é o que nos dá os poderes de antecipação pelos quais vocês saberão, quando criam, o que permanecerá. (KAHN, 1967 in TWOMBLY, 2003, p. 227).

Analisando as ideias estruturadoras da obra de Louis I. Kahn pode-se afirmar que grande parte de seu pensamento arquitetônico foi diretamente influenciado pelas ideias de Martin Heidegger e de sua obra “Construir, habitar, pensar” (in HEIDEGGER, 2012, p. 2). Aborda-se tal questão por ser evidente a influência da filosofia e da reflexão sobre a busca de uma unidade harmônica de oposição entre natureza geográfica e espaço construído em seu trabalho, constituindo assim o que Heidegger definiu por paisagem: ou a relação harmoniosa entre as quaternidades — céu, terra, divino e mortal (NORBERG-SCHULZ in NESBITT, 2006, p. 258).

Tanto para Kahn, quanto para Heidegger, foi fundamental a recuperação da ideia do sentido de construir e habitar. Heidegger afirmou que a obra arquitetônica é o ponto de apoio existencial do homem no mundo (NORBERG-SCHULZ in NESBITT, 2006, p. 468); é o que orienta o espaço construído e permite a identificação do homem com o caráter do sítio específico. Não distante está a teoria de Kahn sobre a arquitetura como espaço de satisfação das aspirações do homem frente à vida.

Outro ponto que une os dois pensamentos refere-se à ideia de *mundo* em Heidegger e de *lugar* para Kahn. Para Heidegger, *mundo* é entendido como o espaço de manifestação das quaternidades, o espaço que estrutura e dá sentido às coisas; é o campo de habitação do homem: a própria Terra (HEIDEGGER, 2012, p. 125-141). Para Kahn, o *lugar* é o espaço de expressão das ações, que medeia e acomoda as Instituições Humanas. O arquiteto entendia que os desejos do homem, ou a manifestação do *divino* de Heidegger seria possível somente quando aliados às propriedades materiais, tornando assim possível a materialização da forma no mundo. As formas deveriam estar em harmonia com a natureza do homem, despertando assim seu senso de inspiração e satisfação do *desejo de existência*.

Também se faz necessário explicitar a ideia de *coisa* em Heidegger. Para o filósofo, o termo se refere a como determinado objeto se expressa e se relaciona com a

quaternidade existente. As coisas, para o mesmo, condicionam o destino de determinada civilização (HEIDEGGER, 2012, p. 125-141). Neste momento entende-se o esforço de Kahn para conferir ao seu trabalho a qualidade de expressão arquitetônica. Tal desejo de expressividade atribuiu às obras de Louis I. Kahn o caráter de monumentalidade, que de acordo com Curtis (2008, p. 514), não está necessariamente relacionada com o tamanho, e sim com a intensidade de expressão de um edifício. Para o arquiteto, um edifício é “um mundo dentro de um mundo” (KAHN, 2002, p. 31), e os recursos do uso de fachada dupla que o arquiteto adotou em grande parte de suas obras — uma externa, de caráter monumental; e outra interna, de caráter mais próximo ao da escala humana — ajuda a enfatizar esta ideia.

Imagem 3: Assembleia Nacional de Bangladesh, Daca. A fachada externa do edifício, devido a simetria e recortes geométricos remetem a monumentalidade presente na arquitetura do estilo *Beaux-Arts*



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-169525/classicos-da-arquitetura-assembleia-nacional-de-bangladesh-slash-louis-kahn/5037e5cd28ba0d599b00031a-ad-classics-national-assembly-building-of-bangladesh-louis-kahn-photo>

É conhecido o desejo de Kahn de elevar a arquitetura ao patamar dos significados históricos, porém, integrando-se à cultura de determinado lugar e utilizando recursos materiais locais, assim como da adequação às questões geográficas e climáticas. Portanto, a arquitetura de Kahn é monumental pela sua expressividade e densidade material das formas e antimonumental pelos meios que utilizados para materializar o edifício, aproximando-se nesse aspecto da arquitetura vernácula norte-americana do período pré-

Beaux-Arts. (SCULLY in VENTURI, 2004, p. XVIII). Materiais como o tijolo, utilizados em seu estado mais rústico, possui aspectos que remetem diretamente a períodos de construção onde a técnica artesanal era evidenciada pela tectônica. O sentido de permanência do objeto é dado pela estabilidade dos volumes e enfatizado pelo papel que o arquiteto atribui à luz (MONTANER, 2009, p. 120).

Dentro de todos estes aspectos ressalta-se que o trabalho de Kahn se distanciou novamente do pensamento positivista e da homogeneidade arquitetônica proposta na primeira fase do Movimento Moderno. A ideia de continuidade histórica, ao invés de contradizê-la, trouxe o seu trabalho para um campo de aproximação da percepção dos espaços pela integração dos sentidos que havia sido perdido pelas obras de caráter estritamente funcionalista. É evidente o papel da arquitetura como articuladora da experiência existencial humana e, como afirmado por Pallasmaa (2011, p. 39), a mesma reforça a sensação de realidade e identidade pessoais do homem. Para Kahn, a tradição seria o meio de antecipação de conhecimento da possibilidade de permanência de cada obra, já que a História é entendida como a sucessão de movimentos cíclicos, e o *continuum* do tempo se faz fundamental no campo das artes e da arquitetura devido à memória individual e coletiva do homem em sua relação com o mundo. Segundo Montaner,

Para ele (Kahn), a forma arquitetônica deve manifestar sua pertinência a um mundo mais perfeito e monumental que o da escala humana e o da vida cotidiana. A arquitetura seria o humano que na Terra dialoga com a magnitude do transcendental. (MONTANER, 2013, p. 68).

A ideia de forma geral do edifício, de uma relação indissolúvel entre espaço e estrutura, entre sítio e objeto e entre concepção formal e materialização da obra, representa o que Venturi (2004, p. 2) definiu por *arquitetura da complexidade e contradição*. A importância dada à totalidade do objeto e da inclusão das partes para a constituição universal do edifício, assim como a percepção de que “nada funciona quando tudo não funciona” (KAHN apud GURGIOLA, 1994, p. 15) distanciou o trabalho de Kahn das concepções pautadas pelo positivismo científico. Esta abordagem, mais sensível às questões menos pragmáticas e mais próxima das filosóficas colocaram o arquiteto em uma categoria que diferenciou seu trabalho dos demais pela capacidade de aproximação da escala humana e da harmonia em relação à evolução histórica da arquitetura. Para Kahn, a busca intensa pelo verdadeiro significado e compreensão da ideia estruturadora, da Ordem pertencente a cada uma das Instituições, seria capaz de gerar espaços de maior riqueza de significados históricos e

qualidade material. Para o mesmo, “quanto mais elevada é a ordem, mais matizada é a composição” (KAHN, 1970 apud GURGIOLA, 1994, p. 11).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu afirmo que nós devemos voltar às inspirações originais que levaram nossas instituições a serem instituições, porque as inspirações originais são completamente indestrutíveis. Enquanto nossas instituições puderem ser mais bem definidas, todos os dias devemos pensar em como podemos recapturar em seu exercício as inspirações originais pelas quais estas se materializaram. (KAHN in TWOMBLY, 2003, p. 265).

Considera-se que o trabalho arquitetônico de Louis I. Kahn se diferencia dos demais pela reinterpretação dos sistemas arquitetônicos oriundos de recorrentes arquétipos e de sua oposição à sistematização atribuída a muitos exemplos arquitetônicos do Estilo Internacional. A reconsideração da História como parte do processo projetual, buscando recuperar o simbolismo presente nas formas mais clássicas, resultou em edifícios que exprimem o desejo de monumentalidade do arquiteto. Portanto, se a primeira fase da Arquitetura Moderna foi também caracterizada por sua oposição à monumentalidade presente no sistema *Beaux-Arts*, a obra de Kahn retomou os valores de composição característicos deste estilo.

Kahn adotou uma abordagem diferente do estabelecido pelo estilo acadêmico. Opondo-se ao procedimento de solução em planta e fachada e do posterior desenvolvimento do edifício através de métodos compositivos sistematizados, o arquiteto subverteu a ordem do método projetual, postergando o estabelecimento material do objeto arquitetônico para compreender a natureza de cada Instituição Humana e de seu reflexo na qualidade destes espaços. A compreensão do que Kahn nomeou de Ordem, expressa seu desejo de conceber um espaço arquitetônico atemporal, próximo à ideia heideggeriana de que construir e habitar é um ato único. O questionamento do sentido da construção foi fundamental para Kahn, porque o construir é também o habitar.

O desejo de monumentalidade de Kahn, expresso pelo arquiteto em sua interpretação dos significados presentes em edifícios históricos, diferentemente de outros arquitetos que partiam de um repertório de linguagem exclusivamente moderna, o transportou para o cenário pós-moderno da arquitetura. Sua percepção de continuidade histórica da arquitetura e das tradições da sociedade sugere uma arquitetura dotada de memória e valores cívicos.

Para Kahn, o passado seria sempre a fonte de inspiração e referência de seu trabalho, pois como o mesmo afirmou, “o que existirá sempre existiu” (KAHN in TWOMBLY, 2003, p. 124).

4. REFERÊNCIAS

- CURTIS, W. **Arquitetura Moderna desde 1900**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- FRAMPTON, K. **História crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- GIURGOLA, R; MEHTA, J. **Louis I. Kahn**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. 8ª ed. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2012, pp. 125-141. (Coleção Pensamento Humano, v. 19).
- KAHN, L. Address to naturalized citizens (1971). In TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003, pp. 261-265.
- _____. **Conversa com estudantes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- _____. **Forma e design**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. Law and rule in architecture (1961, 1962). In: TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003, pp. 123-150.
- _____. Monumentality (1944). In: TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003, pp. 21-31.
- _____. Space and the inspirations (1967). In: TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003, pp. 220-227.
- _____. The nature of the nature (1961). In: TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003, pp. 119-122.
- MAZZOLA, L. **Artist's work/ artist's voice: Louis Kahn — a guide for educators**. Nova York: Department of Education at the Museum of Modern Art, 2007. Disponível em: <https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/moma_learning/docs/kahn_full.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- MONTANER, J. M. **Depois do Movimento Moderno — arquitetura da segunda metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- _____. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2009.
- NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, pp. 443-459.

_____. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBITT, K. (Org). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, pp. 461-472.

PALLASMAA, J. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

_____. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TWOMBLY, R. (Org.). **Louis Kahn. Essential texts**. Nova York/Londres: W.W. Norton Company, 2003.

VENTURI, R. **Complexidade e contradição em arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Contatos

Jennifer Stephanie Ferreira Cabral de Oliveira (IC): jei.oliveira@gmail.com

Maria Teresa de Stockler e Breia (Orientadora): m.teresa.breia@gmail.com